

Dilema do parlamentar começa depois da sessão

Para alguns, aproveitar o tempo de lazer em Brasília talvez seja a opção mais difícil

ARQUIVO



Ana Maria Rattes: descobrindo a Água Mineral

GERALDO MAGELA



Maurílio: preferindo fugir para o Beirute

RITA NARDELLI
Da Editoria de Política

Emendas, pedidos de destaque, substitutivo... Diariamente, os constituintes que participam da Comissão de Sistematização como integrantes ou interessados convivem com essas expressões, discutem, negociam, recebem repetidas vezes instruções para a votação pelo sistema eletrônico, numa estressante rotina. No início da noite, muitos vão direto para casa, não têm qualquer relação com a cidade e dizem que desaprenderam o que significa lazer. Outros continuam a fazer política, em restaurantes ou apartamentos funcionais. Mas há também os que buscam alternativas para relaxar: andar em volta da superquadra, beber em bares não frequentados por parlamentares, ouvir música clássica, ir a um evento cultural ou até mesmo cozinhar.

As vezes, o envolvimento com a política chega a ser tão intenso que um pequeno passeio pode mudar o humor. Na última quarta-feira, a deputada Ana Maria Rattes (PMDB-RJ) estava sentindo-se uma criança, porque contava eufórica, a todos os que encontrava no plenário, que havia estado na Água Mineral pela manhã, em companhia das deputadas Cristina Tavares (PMDB-PE) e Moema São Thiago (PDT-CE):

— Geralmente meus contatos são extensões da Câmara, é a mesma conversa sempre. Vinte e quatro horas vivendo política, política, política. Nunca fui a um cinema, nem ao teatro, e fui umas quatro ou cinco vezes ao Florentino e ao Piantella. Vira uma psicada, você vê só política.

O deputado Maurílio Ferreira Lima (PMDB-PE), ao contrário, foge de política quando deixa o prédio do Congresso. Seu caminho é bem diferente "dos que só vivem nesse gueto administrativo e do poder e se sentem intimidados para mergulhar na vida da cidade":

— Quando saio daqui — conta —, não vou a lugar onde haja político. Desligo. Só frequento o Beirute (um bar na Asa Sul), considerado um antro pela maioria dos políticos. Vou lá todo dia, de meia-noite às 2 da manhã.

Maurílio diz que o ambiente dos políticos é muito artificial, e que ele nunca sabe se, ao ser abordado por alguém, está sendo visto como "uma pessoa humana ou a oartir do cargo" que eventualmente ocupa:

— Me constrange ficar em um ambiente onde tenha que me frear, onde haja lobby, político, imprensa atrás de fonte. No Beirute,

não preciso ficar representando, porque ninguém se relaciona com o deputado, mas com a pessoa. O que falta no Beirute é só um bom vinho tinto seco, e faço um apelo — brinca — para que isso seja providenciado.

O deputado pernambucano adora as festas de Brasília, diz que são descontraídas, e que muitas vezes não é necessário convite:

— As vezes nem conheço o dono da casa. A dica é dada no Beirute, e você já chega integrado.

Maurílio vai muito ao cinema, acha que a vida cultural da cidade é pobre, e só vai às festas de embaixadas de países com os quais tem afinidade — porque nas outras "há sempre as mesmas pessoas, os mesmos canapés". As vezes, vai para a cozinha fazer "coisas requintadas, como uma bacalhoadada ou um strogonoff".

O deputado Israel Pinheiro Filho (PMDB-MG) também curte pratos requintados, e gosta de ir ao supermercado comprar molhos e iguarias. Diz que arroz e feijão não compra "nunca", mas adora comprar bebidas. Há alguns dias, descobriu que um supermercado tem boas promoções de vinhos e cervejas, e diz que pretende voltar lá sempre.

PRENDAS DOMÉSTICAS
Enquanto Maurílio diverte-se na noite brasileira, o deputado José Costa (PMDB-AL) se diz "um deputado eminentemente de prendas domésticas":

— Da Câmara vou para casa, e de lá, venho para cá.

Com duas filhas pequenas, de dois e oito anos de idade, José Costa rezeza-se com a mulher, Sandra, na atenção às crianças. O casal procura sempre "dar um jeitinho" de ir a atividades culturais "mais importantes" — como a Orquestra Filarmônica de Nova Iorque, recentemente — e às vezes faz "a aventura" de sair para dançar, no Minas Brasília Tênis Clube. Sandra trabalha no gabinete de José Costa, cuidando da base de dados, e estuda violino na Escola de Música, além de tocar flauta.

A mulher do senador Nelson Wedekin (PMDB-SC), Arlete, também trabalha no gabinete. Eles têm duas filhas, uma de 13 anos e outra de 16, e um filho de oito. Arlete conta que nos fins de semana dedica-se aos filhos, levando-os ao cinema, ao teatro, ao Shopping, e tenta substituir um pouco o senador, que faz o possível para ter contato maior com a família, mas tem uma agenda muito cheia. As crianças, segundo Arlete, cobram muito a presença

ARQUIVO



Costa: para casa

do pai, e a filha mais velha não se adapta a Brasília:

— Ela quer fazer vestibular em Florianópolis. O que ela e a outra escrevem de carta é desumano. As duas queixam-se de que o círculo de amizades é artificial. A gente vive que nem caracol, que carrega a casa nas costas. Forma um círculo de amizades, vai embora, tem que refazer tudo de novo.

Arlete diz também que a mulher de político tem duas alternativas: ou acompanha o marido ou se dedica à profissão. Desenhista do Projeto Radam Brasil — fez o mapeamento do sul do País —, Arlete perdeu o emprego quando Wedekin foi eleito. Ela reclama que as pessoas acham que mulher de parlamentar não precisa trabalhar, porque o marido ganha bem, e não vêem o lado da realização profissional. Mas acha que a missão do senador é mais importante para a população do que sua realização profissional.

Com uma vida atribulada, Nelson Wedekin diz que sai de casa para o Senado, e volta. Faz questão de almoçar todos os dias em casa, para ver os filhos, e à noite em geral tem que participar de reuniões. Frequenta o Clube do Congresso quando passa o fim de semana em Brasília. Mas observa que o constituinte que não viaja no fim de semana "é quase compulsoriamente convocado para dar quorum nas reuniões". Eventualmente, o senador vai ao cinema. Quando era deputado, frequentava concertos de música clássica. Agora, por falta de tempo, ouve este tipo de música em casa, enquanto trabalha. Gosta de Bach e Beethoven, e aprecia também a música brasileira, especialmente a de Milton Nascimento e Egberto Gismonti.

ITALIANONA
Para quem mora sozinho, a vida em Brasília pode ser muito difícil. Ana Maria Rattes é casada há

28 anos, mas o marido, Paulo Rattes, é prefeito de Petrópolis. A deputada tem três filhos e um neto de cinco anos:

— Morro de saudades do meu neto, e sinto falta da presença física dos meus filhos e do meu marido. Todo mundo fala que Brasília não é uma cidade, é uma oessoa jurídica. Não acho. Mas me sinto sozinha porque estou longe dos meus, e sou uma italiana.

Também distante da família, o deputado Haroldo Saboya (PMDB-MA) diz que vive praticamente entre a Câmara e sua residência. Ele almoça todos os dias no Congresso, e para "variá-lo um pouco" faz suas refeições um dia no restaurante do Senado, outro no da Câmara, variando também na lanchonete do anexo III:

— Como estudante e funcionário público, minha vida aqui era muito melhor — afirma.

O deputado José Genoino (PT-SP), também sozinho, diz que leva uma "vida franciscana, da Câmara para o hotel e do hotel para a Câmara, e de vez em quando um restaurante". Do mesmo jeito, o deputado Roberto D'Ávila (PDT-RJ) afirma que sai do Congresso para "jantar e dormir", e nunca vai a festas ou boates. Pela manhã, ele vai à Água Mineral.

A falta de lazer dos políticos mais atuantes é, na visão do deputado Plínio de Arruda Sampaio (PT-SP), um problema sério. Com seis filhos, Plínio mora com a mulher e o caçula — os outros ficaram em São Paulo —, passa o dia no Congresso mas procura andar à noite e ter uma "vida local" nos fins de semana, frequentando o Country Club, onde encontra amigos que fez em 1962:

— O lúdico de fato é mínimo aqui — diz. Espero que depois da Constituinte isso se humanize. O lazer é visto com um certo complexo de culpa, mas ele é necessário para o equilíbrio do indivíduo.

Companheiro de partido de Plínio, Paulo Delgado também preocupa-se com a pouca atenção dada pelos políticos aos momentos pessoais:

— O amor universal torna as pessoas injustas com os valores individuais. A única coisa funcional que quero é o apartamento. A cabeça, não. O Congresso é um pouco descuidado dessas questões. A tendência da maioria é considerar como preocupação de segunda qualidade o que se refere ao indivíduo. Por isso, o Parlamento às vezes tem muita injustiça. Podemos legislar sobre problemas nacionais, mas não conseguimos impedir que um senador se suicidasse, e que a maioria dos parlamentares tenha úlcera.

Abadia estuda opções para abandonar PFL

A deputada Maria de Lourdes Abadia, do Distrito Federal, assumiu ontem a posição de dissidente do PFL, dentro do qual se situa como "independente". Ela disse que só não sai agora porque precisa de tempo para pensar melhor sobre a qual partido se filiaria, descartando, porém, qualquer possibilidade de ir para o PSB, conforme já fôra por muitas vezes divulgado.

Pela sua avaliação, hoje, seria difícil escolher. Ela pretende esperar só o término dos trabalhos da Constituinte para fazer sua opção. "Enquanto isso, aproveito para observar o comportamento, a situação dos partidos e de seus parlamentares. Porque é na hora do voto, aqui, que a gente fica conhecendo melhor as posições", admitiu Abadia.

Para a deputada, o partido que lhe seria ideal tem que ser acima de tudo liberal e democrático, ter uma posição e linguagem modernas, voltado essencialmente para o jovem e aberto "também" para a classe média, para o funcionário público, o pequeno comer-

ciante etc. Abadia acha que o jovem, sobretudo, está precisando de um novo partido, "que lhe devolva a esperança". E aí ela se lembrou de uma frase dita pela atriz Bibi Ferreira, que traduz também a sua angústia: "A minha desesperança é que o jovem perdeu a esperança".

Sobre sua candidatura ao Governo do Distrito Federal, Abadia não descartou, mas reafirmou que ainda não é o momento de se comear a trabalhar nesse sentido. "Primeiro, disse ela, pretendo concentrar meus esforços na Constituinte".

Antes ainda de iniciar um processo de campanha eleitoral para o governo do DF, Maria de Lourdes Abadia disse que pretende sondar suas bases para a escolha de candidatos à Câmara Legislativa que também deverá ser formada e que, segundo ela, terá uma função extremamente importante para a construção da democracia participativa do DF, na medida em que será responsável pela elaboração de todas as leis que deverão nortear a nova fase política da cidade.